

As representações da rainha Nzinga

Beatriz Sousa Rocha
up201805808@edu.letras.up.pt

Resumo

O seguinte trabalho procura apresentar as várias representações literárias da rainha africana Nzinga, governadora do Ndongo e de Matamba no século XVII, com base na informação disponibilizada nas obras do padre Giovanni António Cavazzi de Montecúcolo, de António de Oliveira de Cadornega e nos documentos de Fernão de Sousa, transcritos e publicados. Assim, o principal objetivo é o de realizar uma análise das fontes através da visão dos seus autores, de modo a compreender como duas realidades e culturas distintas (a europeia e a africana) coexistem, como a rainha é representada nas múltiplas perspetivas e como os episódios relatados são descritos.

Palavras-chave: Rainha Nzinga; Representações Literárias; Cavazzi de Montecúcolo; António de Cadornega; Fernão de Sousa.

Abstract

This paper seeks to present the many literary representations of the African queen Nzinga, ruler of Ndongo and Matamba in the 17th century based on the information available in the work of the priest Giovanni António Cavazzi de Montecúcolo, António de Oliveira de Cadornega and in the published documents of Fernão de Sousa. Therefore, the main goal is to conduct an analysis of the sources through the view of the authors in order to understand how two distinct realities and cultures (european and african) coexist, how the queen is represented in these multiple perspectives and how the reported episodes are narrated.

Key-words: Queen Nzinga; Literary Representations; Cavazzi de Montecúcolo; António de Cadornega; Fernão de Sousa.

Introdução

O estudo que agora se apresenta tem como principal objetivo responder à questão “Como é que autores com distintos perfis, estatutos e funções representam a rainha Nzinga?”, através da análise de obras e da documentação produzida por três autores diferenciados, sendo estes o padre capuchinho António Cavazzi, António de Oliveira de Cadornega e Fernão de Sousa. A curiosidade e o interesse perante este tema surgiram quando, após a leitura de uma vasta bibliografia dedicada à rainha Nzinga, reparamos que a problemática em estudo não havia sido devidamente explorada. Assim, procuramos trazer ao leitor uma nova perspetiva das fontes e uma nova forma de as analisar e compreender, evidenciando ainda a história dos autores e como esta pode ter influenciado

a sua escrita. Com três pessoas totalmente diferentes entre si – um religioso, um militar e um governador – poderemos também esperar que cada um nos apresente uma Nzinga diferente ou será que encontraremos pontos em comum? Será que as suas visões pendem mais para o lado positivo ou para o lado negativo da rainha Nzinga? Contarão eles os mesmos episódios e da mesma maneira?

Para organizar a informação e permitir uma leitura mais facilitada deste trabalho, começaremos por analisar a bibliografia utilizada, bem como as fontes e os seus respetivos autores. Em seguida, iremos apresentar a análise quantitativa dos dados recolhidos, dividindo-a em dois pontos fundamentais: os eventos relatados e a adjetivação usada. Foi importante recolher todos os eventos relatados nas fontes, diretamente relacionados com a rainha Nzinga, de modo a podermos caracterizá-los, ao mesmo tempo tentamos compreender se estes vão ao encontro da realidade da época e da informação encontrada em estudos mais recentes. A adjetivação, por sua vez, será relevante para analisar a perspetiva dos autores perante as atitudes e ações da rainha Nzinga.

1. Estado da Arte

Uma vez que estamos a analisar, acima de tudo, a perspetiva dos autores das fontes, é importante saber quem foram estas pessoas e qual o seu percurso de vida. Para tal, destacamos a obra de Beatrix Heintze¹ que permite conhecer um pouco mais sobre os autores, bem como a sua escrita, sobretudo no que diz respeito a Cadornega. Para o mesmo autor destacamos os artigos de Priscila Weber² e de Roberta Franco³ que apresentam a ambiguidade das palavras que são utilizadas na obra deste militar, um fator fundamental para conseguirmos compreender a sua visão e os relatos que analisamos. Quanto a Cavazzi, recorreremos a um artigo de Joseph Levi⁴ que refere todo o seu percurso religioso, a altura em que chegou ao continente africano e qual o objetivo da sua escrita.

¹ HEINTZE, Beatrix – *Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história*. Luanda: Kilombelombe, 2007.

² WEBER, Priscila Maria – “A rainha Ginga descrita, adjetivada e metaforizada: uma análise textual da obra *História Geral das Guerras Angolanas* de António de Oliveira de Cadornega (século XVII)”. *Cadernos do CEOM*. Vol. 33, Nº 53 (2020) pp. 10-22.

³ FRANCO, Roberta Guimarães – “Conquista e resistência na *História Geral das Guerras Angolanas*, de António de Oliveira de Cadornega. XIV Jornadas Interescuelas: Atas. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2013.

⁴ LEVI, Joseph Abraham – “Padre Giovanni Antonio Cavazzi, (1621-1678), nos reinos do “Congo, Matamba et Angola.” *Primeiros Contactos Europeus com a África*”. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas, 1999. pp. 29-47.

Para este autor, também utilizaremos a obra de José Redinha⁵ sobre a cultura africana, uma vez que Cavazzi demonstra ou faz entender, à luz da época, não compreender as características de uma civilização diferente da sua, fazendo por vezes afirmações que não correspondem à realidade.

No que diz respeito à rainha Nzinga, Fernão de Sousa teceu várias ofensas e críticas, as quais procuramos compreender, como a sua ilegitimidade ao trono do Ndongo. Este episódio é fundamental para podermos analisar, por exemplo, se o governador tinha razão em acusar a rainha de ser tirana ou se tudo não passava de um mero ataque sem fundamento. Assim, utilizamos as obras de Joseph Miller⁶ e de John Thornton⁷, bem como um artigo do último autor, historiadores que se debruçaram sobre esta questão e que nos conseguem fornecer as respostas que procurávamos. Contudo, sentimos que é importante apresentar opiniões opostas, optando pela obra de Adriano Parreira⁸ que discorda e critica a opinião de Miller⁹. Num estudo em que é impossível questionar os autores sobre as suas verdadeiras intenções, devemos analisar todas as hipóteses que estudos mais recentes fornecem. Por último, a bibliografia mais utilizada neste trabalho foi a obra de Linda Heywood¹⁰, uma obra geral que nos fornece todos os dados sobre a vida de Nzinga, analisados nas mais diversas áreas, ao mesmo tempo apresenta uma datação e localização mais exatas, o que nos auxiliou na contextualização dos eventos.

2. Fontes e Autores

2.1. Fontes

No que diz respeito às fontes, foram utilizadas três obras impressas: “Descrição Histórica dos Três Reinos: Congo, Matamba e Angola”¹¹; “História Geral das Guerras Angolanas”¹² e “Memórias, relações e outros manuscritos da colectânea documental de

⁵ REDINHA, José – *Etnias e culturas de Angola*. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 2009.

⁶ MILLER, Joseph C. – *Poder Político e Parentesco: os Antigos Estados Mbundu em Angola*. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995.

⁷ THORNTON, John K. – “Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624–1663. *The Journal of African History*”, Vol. 32, Nº1 (1991) p. 25-40. THORNTON, John K. – *A History of West Central Africa to 1850: New approaches to African History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

⁸ PARREIRA, Adriano – *Economia e Sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga (século XVII)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990. ISBN: 972-33-0759-6.

⁹ Os dois autores divergem na questão da legitimidade da Rainha Nzinga, ao trono do Ndongo.

¹⁰ HEYWOOD, Linda M. – *Nzinga de Angola: A Rainha Guerreira de África*. 1ª ed. Alfragide: Casa das Letras, 2018. Tradução de: Luís Santos. ISBN: 978-989-741-895-2.

¹¹ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de - *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

¹² CADORNEGA, António de Oliveira de – *História Geral das Guerras Angolanas: 1680*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972. 3 vol.

Fernão de Sousa (1622-1635)”¹³. Quanto à primeira fonte, redigida pelo padre capuchinho António Cavazzi de Montecúcolo, apenas nos centramos no segundo volume, uma vez que é o único que faz referência à rainha Nzinga. Antes de mais, é necessário mencionar que, apesar de o autor relatar eventos que o próprio experienciou, a maioria da informação foi adquirida por via oral, como é referido na própria obra. Neste segundo volume, Cavazzi apresenta-nos a rainha Nzinga e todo o seu percurso de vida, desde o seu nascimento até ao momento em que deu o seu último suspiro, ao lado do autor. No decorrer da leitura e tendo sempre em conta a intenção de quem escreve, seria impossível não reparar no cariz religioso com que os episódios são relatados e até mesmo quais os episódios que o autor escolhe apresentar ao leitor.

Da segunda obra, escrita por António de Oliveira de Cadornega e finalizada em 1680, também utilizamos apenas dois dos três volumes, ou seja, as partes que fazem referência à rainha Nzinga. Esta fonte fornece-nos, acima de tudo, relatos em contexto militar e diplomático onde a rainha interferiu, pormenorizando as ações praticadas desde estratégias bélicas a tratados e alianças acordados. É uma das fontes mais importantes para a História de Angola do século XVII, feita com base em testemunhos escritos e orais e é escrita com o objetivo de não deixar cair no esquecimento os feitos portugueses no continente africano “e a este respeito foi, absolutamente, parcial, unilateral (...) ingénuo e pouco crítico”¹⁴. No subponto seguinte, explicaremos melhor o motivo de a sua obra procurar enaltecer as ações portuguesas. Cadornega foi, acima de tudo, um autor atento no sentido em que, tendo noção da fragilidade da informação que recolhia, fazia questão de informar o leitor quando não tinha confiança suficiente no que relatava e, se faltava informação ou quando não se recordava de algum pormenor, aludia a tal. O autor consultava com regularidade os seus informantes que incluíam missionários, soldados, capitães, mercadores, gente do mar e até mesmo o próprio sogro.

Por último, a documentação de Fernão de Sousa, que apesar de cobrir um curto período da vida da rainha Nzinga, entre 1624 a 1630, permite-nos atribuir uma datação e localização mais exatas aos eventos e obter uma informação mais correta das atitudes da rainha e das suas relações com os portugueses. De todos os governadores de Angola que entraram em contacto com a rainha, Fernão de Sousa foi por nós escolhido por ter sido quem iniciou a rivalidade e o clima de conflito entre Nzinga e a Coroa portuguesa. Assim,

¹³ HEINTZE, Beatrix – *Memórias, relações e outros manuscritos da colectânea documental de Fernão de Sousa (1622-1635)*. Stuttgart: Franz Steiner, 1985. 419 p. ISBN 3-515-04260-1.

¹⁴ HEINTZE, Beatrix – *Angola nos séculos XVI e XVII...* p. 140.

ao analisarmos os vários documentos escritos por Fernão de Sousa, conseguimos ter acesso à gênese de várias questões, como, por exemplo, a questão levantada pelo governador quanto à legitimidade da rainha Nzinga na subida ao trono e a sua classificação como inimiga dos portugueses.

2.2. Autores

O padre Giovanni António Cavazzi de Montecúcolo, mais conhecido apenas pelo apelido “Cavazzi”, foi um monge capuchinho que escrevia as suas experiências para guiar os futuros missionários em África e, assim, não partirem para novas terras sem qualquer conhecimento prévio daquilo que os esperava¹⁵. A falta de compreensão que o autor revela ou pretende dar a entender dos costumes de culturas distintas não lhe permitiu ver a realidade em toda a sua plenitude, sendo vincada a sua perceção dos acontecimentos. Contudo, os escritos dos Capuchinhos da Missio Antiqua transmitem-nos informações relevantes sobre a África Centro-Occidental, durante quase dois séculos da história¹⁶. Vindo de um padre capuchinho, era de esperar que, nesta altura, não interpretasse a religião destes povos como verdadeira, justificando todos os acontecimentos como obra do demónio¹⁷ e procurando sempre divulgar a fé cristã e promover a conversão das pessoas que se cruzassem no seu caminho. Ainda que os depoimentos de Cavazzi sejam comprometidos, acima de tudo, com a sua missão e com a convicção da superioridade inequívoca do Cristianismo, este fornece informações relevantes sobre o vestuário, os instrumentos utilizados, as crenças e superstições, a vida em sociedade, entre outros, o que revela um olhar atento e um registo detido sobre a realidade em observação.

Ao contrário da maioria dos missionários capuchinhos, António Cavazzi não completou os estudos em Filosofia e Teologia. Joseph Levi afirma ter sido devido à sua falta de preparação e de aptidão intelectual para os estudos religioso-teológicos e foi esta lacuna nos seus estudos que não lhe permitia pregar nas congregações ou em qualquer outro local de evangelização¹⁸. Só em 1653 é autorizada a sua participação numa missão com o objetivo de evangelizar Matamba, local onde viverá durante uma década. Esta situação levanta uma questão pertinente para compreender o que poderiam ter sido as intenções deste padre capuchinho: será que a persistência em relatar a vida da rainha Nzinga, desde o seu nascimento até à sua morte já como uma devota cristã, pretende

¹⁵ LEVI, Joseph Abraham – “Padre Giovanni Antonio Cavazzi...” p. 31.

¹⁶ LEVI, Joseph Abraham – “Padre Giovanni Antonio Cavazzi...” p. 30.

¹⁷ LEVI, Joseph Abraham – “Padre Giovanni Antonio Cavazzi...” p. 31.

¹⁸ LEVI, Joseph Abraham – “Padre Giovanni Antonio Cavazzi...” p. 31.

evidenciar que, mesmo não tendo realizado um percurso igual ao dos seus pares, conseguiu converter uma das figuras africanas mais marcantes e conseguiu com que a fé cristã triunfasse num local considerado diabólico? Uma figura que, durante décadas, pareceu esquecer a fé em que tinha sido batizada, sobretudo por motivos políticos, e finalmente, nos seus últimos anos de vida aceitou Deus. A presença de Cavazzi na corte da rainha Nzinga, em meados do século XVII, de acordo com os seus relatos, terá exercido uma grande influência na sua mudança de hábitos e de crenças, não obstante todas as críticas que lhe são tecidas ao longo da sua obra.

O segundo autor em estudo, António de Oliveira de Cadornega, pisou o solo africano juntamente com o seu irmão em 1639, onde ficaram sob a alçada do governador de Angola da época, Pedro César de Meneses. Cadornega começa por exercer funções como soldado raso, acabando por atingir o cargo de capitão antes de assumir funções na administração do território¹⁹. Durante quase três décadas residiu em Massango, detendo o cargo de juiz ordinário em 1660 e fundando a Irmandade da Misericórdia da cidade. Na altura em que chegou a Luanda, recebeu notícias de que, em Portugal, a sua família havia sido alvo de uma perseguição da Inquisição, coincidindo com o início da escrita da sua obra²⁰. Este acontecimento foi fundamental para a sua permanência em África, pois corria o risco de ser vítima do mesmo destino, caso regressasse a Portugal. Assim, acredita-se que a sua devoção à Coroa tem aqui as suas bases, ou seja, ao redigir os grandes feitos das tropas portuguesas no continente africano, Cadornega prestava provas da sua lealdade para com o rei, referindo ainda que a sua principal motivação residia na conservação destes feitos para a posterioridade²¹. Como era de esperar, os fracassos dos portugueses, nas mais diversas áreas, foram por ele ocultados ou abafados e talvez seja este o motivo pelo qual Cadornega procura integrar a rainha Nzinga, uma inimiga poderosa²², justificando, desta forma, algumas falhas e dando destaque à força portuguesa quando as tropas a conseguem derrotar. Deste modo, a adjetivação direcionada à rainha muda conforme a sua narrativa²³, não permitindo uma perceção exata dos sentimentos do autor para com esta figura e criando uma escrita ambígua, ao longo de toda a obra. Não podemos negar a existência de relatos que evidenciam um claro elogio à rainha Nzinga, uma vez que “o capitão se rende, inúmeras vezes, a uma visão de admiração diante

¹⁹ HEINTZE, Beatrix - *Angola nos séculos XVI e XVII...* p. 136.

²⁰ WEBER, Priscila Maria – “A rainha Ginga...” p. 11.

²¹ FRANCO, Roberta Guimarães – “Conquista e resistência...” p. 3.

²² WEBER, Priscila Maria – “A rainha Ginga...” p. 13.

²³ WEBER, Priscila Maria – “A rainha Ginga...” p. 13.

daquela figura”²⁴, principalmente quando menciona as suas ações no campo de batalha ou quando faz uma comparação direta às grandes mulheres da história e da mitologia clássica.

Fernão de Sousa, o último autor em análise, foi governador de Angola entre 1624 e 1630 e, quando chegou para ocupar o seu cargo, as relações entre o Ndongo e os portugueses não se encontravam harmoniosas, devido à morte de Ngola Mbandi e às exigências de Nzinga quanto ao cumprimento do que se havia acordado com o antigo governador. Este reino era de elevada importância por ser o principal fornecedor de escravos destinados à exportação a partir de Luanda, fazendo a ligação com as terras do interior de onde eram provenientes os mesmos²⁵. Assim, a preocupação do novo governador centrava-se na manutenção do comércio de escravos e no pagamento de tributos dos vassallos, tornando-se central para si resolver a questão do Ndongo. Contudo, os seus planos não correram como planeado e inicia-se um longo período de conflitos entre a rainha Nzinga e os portugueses, uma rivalidade que continuará mesmo após a partida do governador. Assim, aos olhos de Fernão de Sousa, a rainha será sempre representada como uma inimiga da Coroa, uma perturbadora da paz e um entrave ao livre

Gráfico 1 – Percentagem da Tipologia do Autor
Gráfico 2 – Percentagem da Tipologia Pessoal comércio. Será que, sem as intervenções de Fernão de Sousa, sobretudo o não reconhecimento de Nzinga como líder do Ndongo, a história teria sido diferente e uma aliança conseguida mais atempadamente? Isto são questões que ficam no ar e para as quais, provavelmente, poderemos nunca obter resposta.

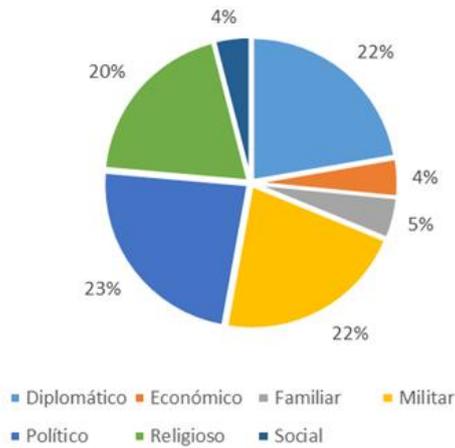
3. Análise de Dados

3.1. Os Eventos

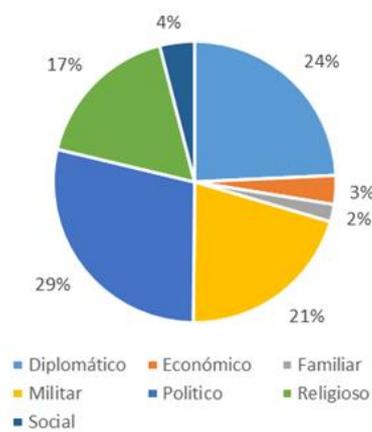
Os eventos relatados foram divididos em várias categorias e analisados de duas perspetivas diferentes, ou seja, a perspetiva que consideramos ser a que o autor pretende transmitir e uma perspetiva pessoal com o conhecimento adquirido através da bibliografia, permitindo verificar se estas duas visões divergem ou se vão ao encontro uma da outra. Assim, em primeiro lugar, apresentaremos a análise das diferentes categorias e seguiremos para a comparação de perspetivas.

²⁴ FRANCO, Roberta Guimarães – “Conquista e resistência...” p. 7.

²⁵ HEINTZE, Beatrix - *Angola nos séculos XVI e XVII...* p. 279.



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

Antes da análise dos gráficos em si, explicaremos o que entendemos por cada tipologia. A tipologia “familiar” aplica-se a eventos ocorridos no seio da família da rainha Nzinga, relacionados com os seus pais ou irmãos. A tipologia “religioso” enquadra eventos relacionados com a religião, tanto católica como local, incluindo cerimónias, rituais, entre outros. A tipologia “político” engloba os eventos que revelaram atitudes e ações políticas, como demonstrações de poder ou conquistas, por exemplo. A tipologia “militar” refere todos os eventos que relatassem batalhas, estratégias de combate ou acontecimentos derivados de um conflito bélico. A tipologia “diplomático” aplica-se a relatos de alianças e de tratados ou de tentativas de os criar, entre os portugueses e a rainha Nzinga. A tipologia “económico” direciona-se para situações que envolvessem o comércio, a captura ou venda de escravos ou ainda a perturbação das trocas comerciais. Por último, a tipologia “social” aplica-se a relatos que nos revelam os costumes praticados pela rainha Nzinga ou pelo seu povo, como os casamentos, as danças, os trajes ou as cerimónias fúnebres.

No gráfico 1 podemos observar que os autores, no geral, relatam em maior quantidade eventos de cariz político, militar, diplomático e religioso. O mesmo acontece no gráfico 2, destacando-se um ligeiro aumento na percentagem dos episódios políticos e diplomáticos e uma redução nos religiosos. Através desta breve leitura, podemos de imediato constatar que, de facto, a perspetiva que atribuímos aos autores e as nossas divergem. São direcionadas categorias distintas aos mesmos eventos, porque, acima de tudo, existe uma perceção diferente dos autores perante a realidade que experienciaram ou que recolheram através dos seus testemunhos e a que aprendemos através da bibliografia. Procuraremos, então, exemplificar alguns dos eventos cujas categorias divergem e explicar o porquê de a perspetiva pessoal se afastar da perspetiva dos autores.

Cavazzi assume que a rainha Nzinga procura vingar-se do irmão, estando envolvida no suicídio do mesmo e no assassinato do sobrinho, conseguindo assim honrar o seu falecido filho. Estes eventos, na nossa perspetiva do autor, referem-se a um contexto familiar, enquanto, na verdade, são políticos, ou seja, a sua aproximação do filho de Ngola Mbandi tratou-se de uma estratégia política para conseguir o poder e, desse modo, assumir a regência do Ndongo²⁶. Os estratagemas políticos da rainha também se revelam na altura do seu primeiro batismo em 1622, em Luanda, um evento que o autor considera como religioso, mas o objetivo da rainha era, através do batismo, conquistar o respeito dos portugueses, ao mesmo tempo adquiria o apoio dos Mbundu já integrados na fé católica e que se encontravam cativos ou refugiados na região²⁷. As divergências voltam a ocorrer quando o padre capuchinho demonstra o seu desconhecimento quando, já nos anos finais da vida de Nzinga, vê a rainha dançar num ato que caracterizamos como sendo social, e pede-lhe que pare de apresentar aquela dança inútil à imaculada santidade, atribuindo a este evento um caráter religioso. O que Cavazzi não compreendeu foi que a dança correspondia a um dos mais importantes elementos da vida social dos Mbundu, existindo várias danças para as mais diversas circunstâncias²⁸.

No exemplo de Cadornega, este relata que a rainha Nzinga vestia os seus concubinos em trajes femininos, caracterizando-se este evento como social, mas tratava-se novamente de uma estratégia política, tal como a sua “mudança de género”. Quando Nzinga se apercebeu que não estava a conseguir afirmar o seu poder enquanto mulher, assumiu a atitude radical de se comportar como um homem e enveredou em atos claramente varonis. Este foi um dos métodos que encontrou para demonstrar o seu poder que, de acordo com Thornton, servia para diminuir os homens em seu redor ao tratá-los como mulheres, enquanto a própria adotava características masculinas²⁹. Cadornega volta a revelar a sua aparente incompreensão das verdadeiras intenções da rainha Nzinga quando assume, num evento religioso, que a rainha havia esquecido o seu batismo ao adotar os costumes *Imbangala*. Todavia, a integração neste povo nómada e guerreiro permitiu-lhe ganhar poder, bem como um exército forte para se proteger e atacar quando fosse necessário, outra estratégia política de Nzinga.

²⁶ THORNTON, Jonh K. - *A History of West Central Africa...* p. 150.

²⁷ HEYWOOD, Linda M. - *Nzinga de Angola...* p. 89.

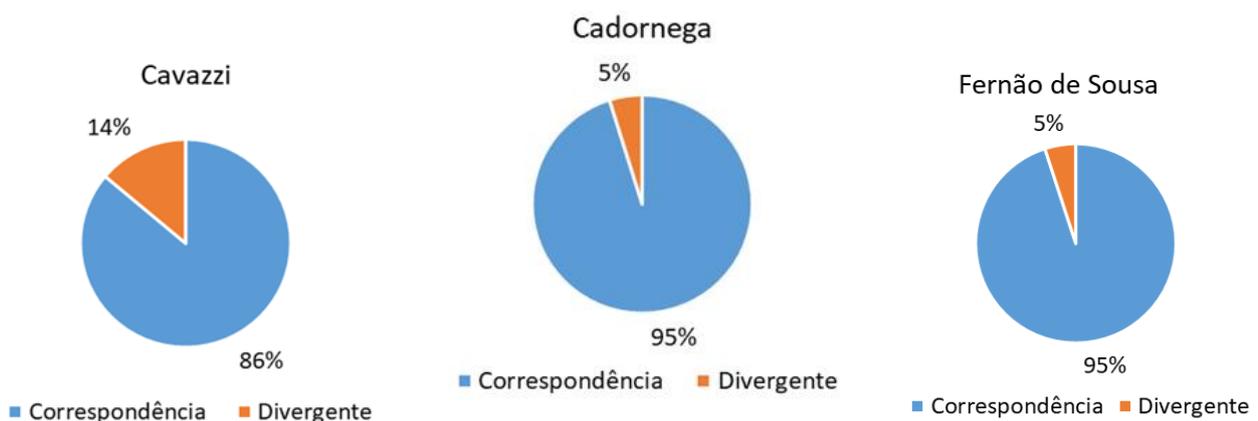
²⁸ REDINHA, José - *Etnias e culturas de Angola...* p. 334.

²⁹ THORNTON, John K. - “Legitimacy and Political Power...” p. 38.

Para manter a lealdade dos *Imbangala* a rainha teve, inevitavelmente, de aprender e praticar os seus costumes, tornando-se “uma especialista em rituais *imbangala*, realizando uma transformação profunda de rainha *mbundu* exilada para capitã *imbangala* por direito próprio”³⁰. De facto, o seu percurso dentro dos *Imbangala* foi, em parte, um dos grandes impulsos para Nzinga se tornar numa líder poderosa, obedecida e temida. Tal como Linda Heywood afirma, a rainha conseguiu tornar-se numa poderosa líder africana, para o qual “havia contribuído a sua transformação em líder *Imbangala*”³¹, ao mesmo tempo tornou o seu exército numa vigorosa máquina de guerra.

Por fim, com Fernão de Sousa as divergências acontecem, sobretudo, nos eventos categorizados como económicos e que acreditamos serem militares, por ocorrerem em situações de conflito ou de guerra. Contudo, como o governador se preocupava sempre com a questão do comércio, destaca que as tropas portuguesas conseguiam, no final de cada conflito, capturar escravos que seriam úteis para o trato. Não obstante, a existência de eventos cuja categoria se iguala em ambas as perspetivas não significa que o autor tenha, de facto, compreendido os episódios ou eventos, na sua totalidade. No episódio político em que o autor procura tornar Ngola Hari rei do Ndongo e espera que, de acordo com o que acreditava, Nzinga aceitasse e desistisse de reivindicar o trono, parece esquecer que, apesar de Nzinga não ser legítima ao trono, as mulheres continuavam a ser elementos importantes nos sistemas de governação do reino, ou seja, nunca a rainha aceitaria a submissão, muito menos aceitaria afastar-se na liderança política do Ndongo, a sua terra³².

Gráfico 3 – Percentagem dos eventos correspondentes e divergentes de cada autor



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

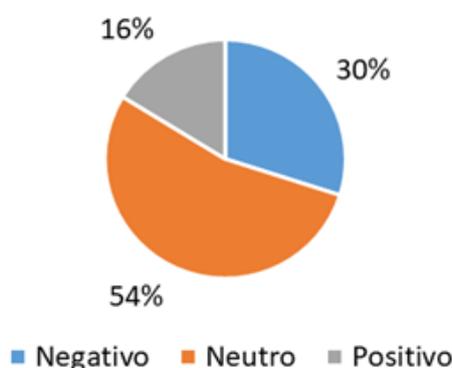
³⁰ HEYWOOD, Linda M. – *Nzinga de Angola...* p. 137.

³¹ HEYWOOD, Linda M. – *Nzinga de Angola...* p. 146.

³² HEYWOOD, Linda M. – *Nzinga de Angola...* p. 115.

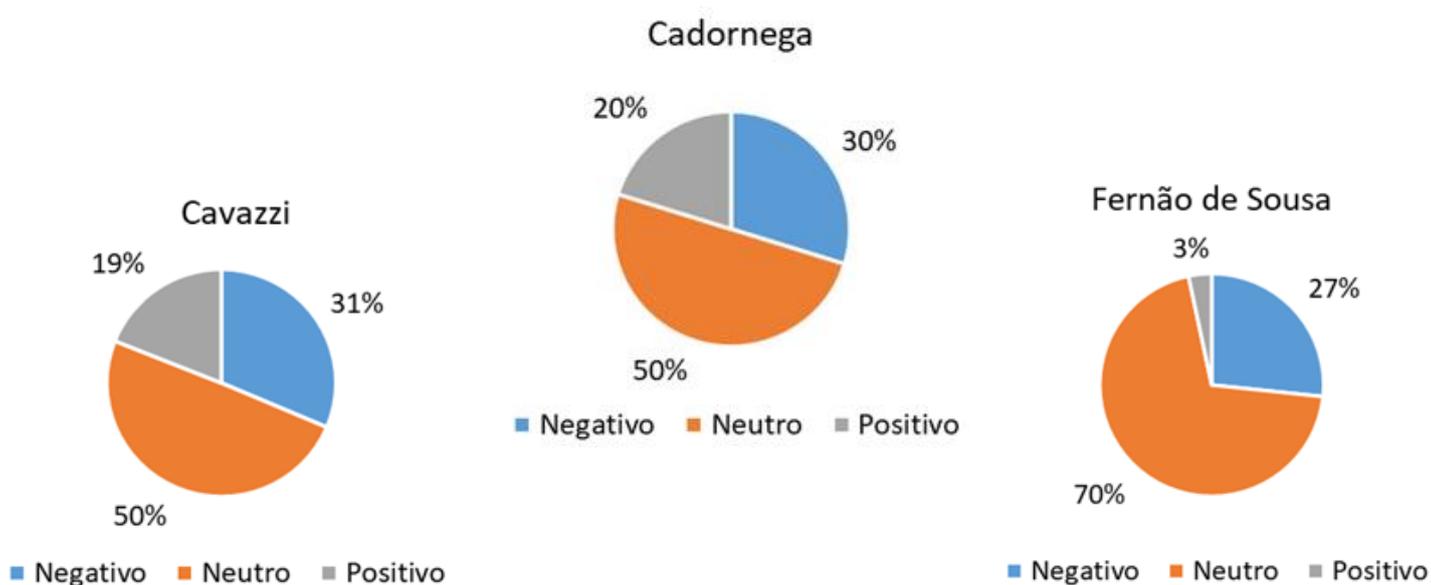
Observemos agora os gráficos que apresentam a percentagem, por autor, de quantos episódios corresponderam e quantos divergiram em relação à nossa visão. Podemos concluir que, de todos, é António Cavazzi quem apresenta a maior percentagem de eventos divergentes, enquanto Cadornega e Fernão de Sousa apresentam 95% de correspondência, revelando que os seus relatos são os mais credíveis, na nossa opinião. Esta interpretação pode ser explicada pelo facto de Cavazzi ser o autor que mais tarde chegou à região, ao contrário de Cadornega que rumou a África em 1639 e Fernão de Sousa que começou a exercer o cargo de governador em 1624, não lhe permitindo ter acesso à mesma informação que os restantes autores.

Gráfico 4 – Percentagem Geral do Valor dos Eventos



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

Gráfico 5 – Percentagem do Valor dos Eventos de cada Autor



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

No que diz respeito ao valor atribuído a cada evento, o valor positivo corresponde a eventos que apresentam um claro elogio à rainha Nzinga, enquanto os negativos relevam críticas à mesma. Como podemos observar no gráfico 4, ao contrário da ideia inicial de que os eventos negativos seriam superiores, a junção dos valores “neutro” e “positivo” correspondem à maioria. Talvez os autores não tivessem uma visão tão sombria da rainha Nzinga nos relatos que chegaram aos nossos dias e o mesmo se repete na análise individual de cada um. É de realçar que Fernão de Sousa, em comparação com outros autores, apresenta a documentação com menos informação relevante para este estudo, mas é o autor com uma maior percentagem de eventos neutros, o que nos leva a acreditar que será o mais credível dos três. Contudo, é também quem evidencia a menor percentagem de eventos positivos, facto que não surpreende, uma vez que os dados analisados fazem várias vezes referência aos conflitos e desentendimentos com a rainha, durante o curto período que residiu em Angola e todas as perturbações consequentes dos mesmos. Contamos apenas com dois episódios positivos na documentação de Fernão de Sousa e nenhum foi diretamente referido pelo autor que, mesmo assim, escolheu dá-los a conhecer. O novo rei do Ndongo, Ngola Hari, não foi recebido como esperado e poucos eram os súbditos que lhe obedeciam, uma vez que o povo considerava Nzinga como a verdadeira *Ngola*³³. Apesar de este acontecimento ir contra os objetivos do governador, podemos observar que faz um claro elogio à rainha Nzinga, relatando que os habitantes do Ndongo nunca haviam deixado de depositar, em Nzinga, o cargo de liderança.

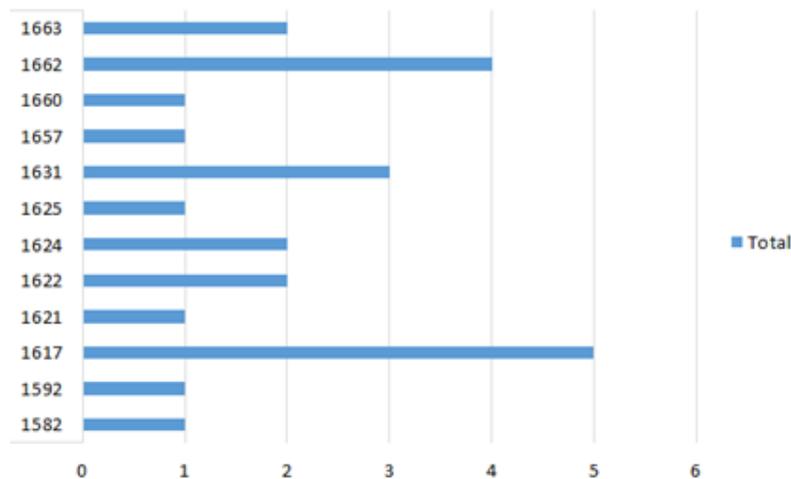
No caso de António Cadornega, é de referir novamente a ambiguidade que, de acordo com a nossa análise, a sua obra revela. Deste modo, apesar de termos determinado uma definição para o que seria um evento positivo e um evento negativo, nesta situação em concreto, não podemos afirmar com certezas de que, de facto, os acontecimentos relatados por este autor se enquadrem na nossa designação. Quanto a António Cavazzi, os eventos negativos dizem respeito, acima de tudo, a críticas contra as atitudes da rainha Nzinga, atitudes estas que não iam ao encontro do seu pensamento religioso que condenava os atos demoníacos praticados pela líder *Imbangala*. Por sua vez, os episódios positivos apresentam elogios à rainha Nzinga pelos seus atos católicos ou pelo respeito que, de forma discreta, demonstrava pela fé dos religiosos cativos, como aconteceu com o padre Jerónimo, a quem foi concedido o direito de vaguear pelo quilombo de Nzinga e confortar os restantes prisioneiros³⁴.

³³ HEINTZE, Beatrix – *Memórias, relações e outros manuscritos...* p. 210.

³⁴ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 74.

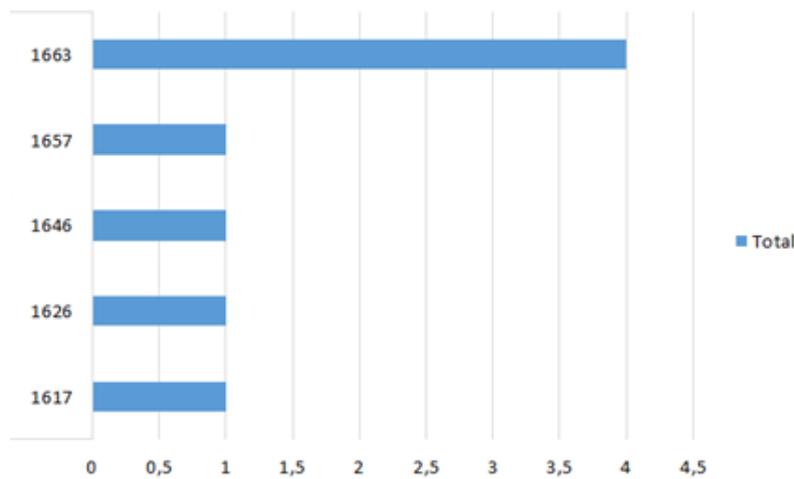
Por último, dentro da análise dos eventos, iremos observar os dados biográficos de Nzinga e as referências às várias entidades políticas onde ocorreram os eventos. Com a primeira análise pretendemos compreender quais os acontecimentos da vida da rainha que os autores escolheram relatar e os que tiveram um maior impacto. Quanto à segunda, tentaremos observar quais os locais que apresentam uma maior atividade, no que diz respeito ao decorrer dos episódios relatados.

Gráfico 6 – Contagem das datas biográficas em Cavazzi



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

Gráfico 7 – Contagem das datas biográficas em Cadornega



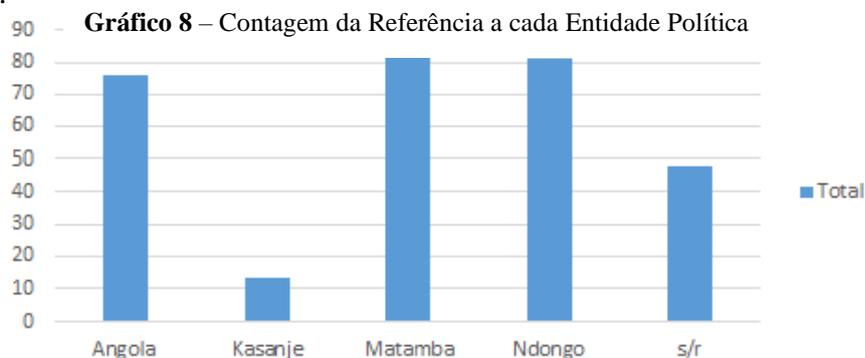
Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

Dos três autores, Fernão de Sousa não faz referência a dados biográficos de Nzinga, pelo qual apenas nos debruçamos sobre Cavazzi e Cadornega. Para o padre capuchinho, os anos com mais impacto foram 1617 e 1662, estando o primeiro relacionado com o período em que Ngola Mbandi, desesperado por poder, assassinou o

filho recém-nascido da irmã e “ordenou a esterilização de Nzinga e das duas irmãs mais novas”³⁵. Este ano marca a data em que a rainha prometeu vingar-se e que, segundo o autor, terá adquirido “um ódio bestial contra todas as crianças do sexo masculino”³⁶. A segunda data é referente ao período final da vida de Nzinga, quando se encontrava em paz com os portugueses e com Deus. No ano de 1662, Cavazzi caracteriza os vários costumes que a rainha havia adotado, como vestir trajes europeus e lavar-se com frequência, mas a sua devoção a Deus é o fator que mais se destaca:

“Eu mesmo ficava envergonhado, porque, em comparação dela, podia ser considerado preguiçoso, de maneira que me reconheço obrigado a divulgar a admirável devoção daquela senhora, na qual se via muito evidente a metamorfose dum coração idolatra num coração que só palpitava pelos progressos da verdadeira religião”³⁷

Quanto a Cadornega, podemos observar que o ano mais vezes referenciado é 1663, ou seja, o ano em que Nzinga morre. Na sua obra, o autor tece vários elogios à rainha defunta, como já referimos, afirmando que “com outras muitas Mulheres Varonil e insignes Matronas se pudera comparar esta ditoza e bem-afortunada Rainha que houve no Mundo”³⁸ e que apenas o seu tom de pele e o seu local de nascimento a distinguiam das mesmas.



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

No que diz respeito à localização dos vários eventos que estes autores evidenciam, são as entidades políticas de Angola³⁹, de Matamba e do Ndongo que apresentam maior representatividade. Contudo, é Matamba que detém um maior número de eventos, sendo

³⁵ HEYWOOD, Linda M. – *Nzinga de Angola...* p.57.

³⁶ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 66.

³⁷ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 147.

³⁸ CADORNEGA, António de Oliveira de – *História Geral das Guerras Angolanas...* p. 221.

³⁹ Utilizamos o título de “Angola”, uma vez que é o nome do local referido nas próprias fontes.

a primeira entidade política que Nzinga apropriou enquanto líder *Imbangala*⁴⁰ e onde encontrou um segundo lar, talvez por ser governada por mulheres e onde saberia que, muito provavelmente, seria aceite. A conquista de Matamba permitiu que a rainha se tornasse na primeira líder *Imbangala* a dirigir um Estado e a permanecer no estilo de vida que esta seita impunha⁴¹. Não podemos falar em Nzinga sem mencionar os *Imbangala*, um povo nómada e guerreiro onde a rainha encontrou refúgio, poder e obediência, destacando-se o reino de Kasanje que, apesar de ser referido com menor frequência, é o local onde Nzinga aprende tudo sobre os costumes dos *Imbangala*. É Cavazzi quem relata a maioria destes eventos, fazendo alusão ao cariz demoníaco de atos como o consumo de carne humana, o contacto com os antepassados ou a adoração de ossos⁴².

É em Angola onde ocorrem vários episódios diplomáticos, uma vez que é a sede dos governadores portugueses, o local onde se discutiam os problemas e se decidiam soluções. Por exemplo, é neste território que Fernão de Sousa decide nomear um novo rei para o Ndongo, substituindo Nzinga. Um rei fantoche que apenas servia para garantir o pagamento de tributos e a circulação de escravos, garantindo assim a abertura das feiras que Nzinga tanto perturbou⁴³. Quanto ao Ndongo, o local de nascimento da rainha, é neste local que originaram os primeiros eventos, como a morte de *Ngola* Mbandi que abriu caminho para a ascensão de Nzinga, bem como conflitos bélicos entre a rainha, os portugueses e *Ngola* Hari. Todavia, como podemos observar no gráfico, existem eventos sem referência, lacunas que nem a bibliografia conseguiu responder.

3.2. A Adjetivação

Passaremos agora para a última análise deste trabalho, a adjetivação pessoal que cada autor atribui à rainha. Como podemos observar no gráfico 9, dos três autores em estudo, é António de Oliveira de Cadornega quem recorre mais vezes à adjetivação quando se refere à rainha Nzinga, durante os seus relatos. A fraca quantidade de adjetivos presentes nos dados recolhidos sobre Fernão de Sousa, poder-se-á dever ao facto de ser o autor com menos documentação referente a Nzinga, uma vez que o seu período em Angola foi mais curto do que os restantes. Quanto ao padre capuchinho João Montecúccolo Cavazzi, é de realçar que, mesmo sendo a fonte com mais informação recolhida, não consegue superar a quantidade de adjetivos de Cadornega. Novamente, o

⁴⁰ HEYWOOD, Linda M. – *Nzinga de Angola...* p. 144.

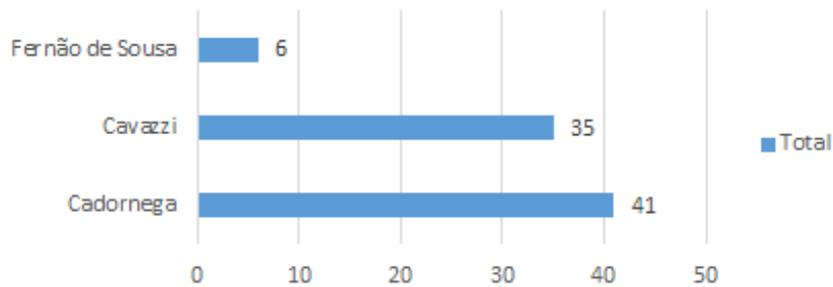
⁴¹ HEYWOOD, Linda M. – *Nzinga de Angola...* p. 145.

⁴² MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* pp. 72-73.

⁴³ HEINTZE, Beatrix – *Memórias, relações e outros manuscritos...* p. 200.

militar português leva-nos a questionar as suas verdadeiras intenções. O elevado uso de adjetivos poderá explicar a sua admiração pela Rainha Nzinga, não se contendo na atribuição de características que lhe faz, como também poderá servir para lhe dar mais ênfase enquanto inimiga dos portugueses.

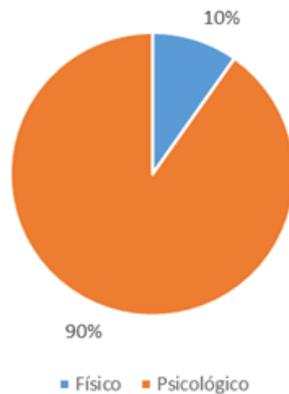
Gráfico 9 – Total de adjetivos utilizados por autor



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

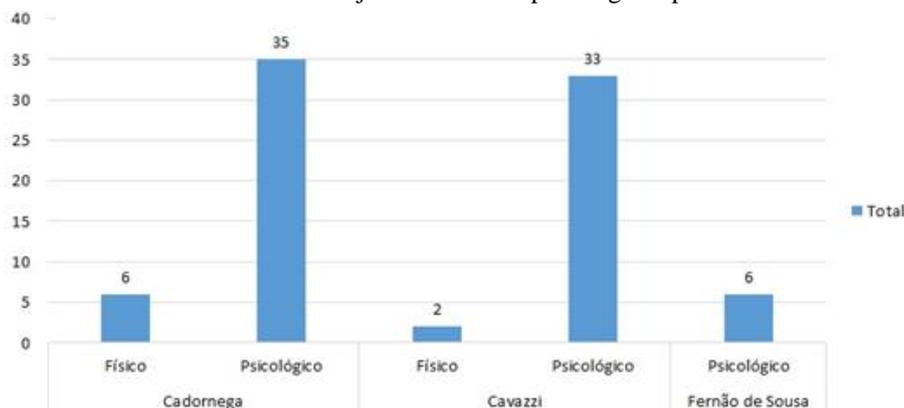
Os adjetivos analisados foram divididos em categorias que permitissem, não só facilitar a sua análise, mas também tentar conhecer a opinião destes autores quanto à personagem central deste estudo. Assim sendo, como vemos nos gráficos seguintes, a atenção geral dos autores centra-se nas características psicológicas da rainha e não nas suas características físicas.

Gráfico 10 – Percentagem geral dos adjetivos físicos e psicológicos



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

Gráfico 11 – Total dos adjetivos físicos e psicológicos por autor



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

Não obstante, não podemos ignorar a importância dos poucos adjetivos físicos que são atribuídos a Nzinga. Começando por Cavazzi, este utiliza somente duas características físicas e a primeira ocorre quando, em 1621, a rainha se encontra em Luanda, no seu papel de Embaixatriz ou *Ngambele*⁴⁴. Na primeira audiência com o governador de Angola da altura, João Correia de Sousa, o padre capuchinho apresenta-nos a seguinte descrição de Nzinga:

"A primeira vez que foi levada à audiência, apareceu carregada de gemas preciosas, bizarramente enfeitada de penas de várias cores, majestosa no porte e rodeada por grande grupo de donzelas, de escravas e de oficiais da sua corte"⁴⁵.

O adjetivo “majestosa”, além de fornecer uma descrição física de Nzinga, nesta situação específica também apresenta a força política que o autor pretende transmitir. Não há dúvida de que a ida a Luanda foi muito oportuna para a rainha, uma vez que, perante o seu desejo de tomar o trono do Ndongo que se encontrava na posse do seu irmão, Ngola Mbandi, esta foi a altura ideal para demonstrar as suas capacidades aos portugueses. A audiência começou com uma afirmação claramente política, quando Nzinga se recusa a sentar no chão, uma posição de inferioridade perante o governador, e ordena que uma das suas escravas lhe sirva de assento⁴⁶. No fim do evento, Nzinga havia alcançado o seu objetivo, uma vez que todos os presentes se encontravam admirados pela sua postura. O segundo adjetivo, “extravagante”, é utilizado por Cavazzi quando, nos anos finais da vida da rainha Nzinga, esta começa a utilizar os trajes europeus ao ponto de trocar várias vezes as suas vestes durante o dia e quando, em várias ocasiões, saía da corte “vestida à maneira

⁴⁴ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 66.

⁴⁵ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 67.

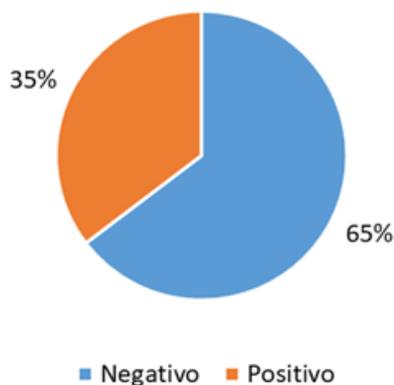
⁴⁶ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 68.

etíope” e regressando “à maneira portuguesa”⁴⁷. Assim, o padre capuchinho tinha conseguido impor a realidade que conhecia e transformar a rainha Nzinga, tornando-a semelhante às mulheres europeias e fazendo-a adquirir os costumes que conhecia e aceitava.

Quanto a Cadornega, sendo este um oficial e um militar, não é de admirar que as características físicas atribuídas a Nzinga acontecessem num contexto bélico. De todos os adjetivos utilizados, é “varonil” que se repete mais vezes, sobretudo quando este autor compara a rainha a grandes figuras da mitologia e da História, “parecia immortal, de que podéra fazer grande escritura, a qual se podia comparar ou ainda preferir a Semiramis, a Pantasileja, a Cleopatra, e a outras Raynhas de que as histórias nos dão noticia, governando a seus Vassallos a nossa opposição com valor e animo varonil”⁴⁸

Esta não será a primeira vez que o autor apresenta ao leitor esta comparação e quando Nzinga falece, em 1663, é novamente associada a estas mulheres. Aliás, Cadornega assume que a rainha as ultrapassou a todas⁴⁹. Como vimos, este é um autor que entendemos ter uma escrita ambígua, não facilitando uma leitura exata das suas intenções. Contudo, não podemos negar que esta comparação é, sem dúvida alguma, um elogio às atitudes de Nzinga ao longo da sua vida, sendo um claro exemplo da provável admiração que o autor detinha por esta figura.

Gráfico 12 – Percentagem geral do valor dos adjetivos



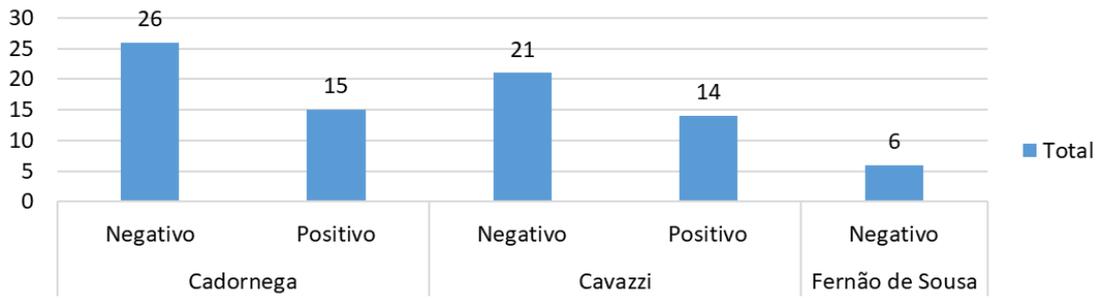
Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

⁴⁷ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 137.

⁴⁸ CADORNEGA, António de Oliveira de – *História Geral das Guerras Angolanas...* p. 55.

⁴⁹ CADORNEGA, António de Oliveira de – *História Geral das Guerras Angolanas...* p. 220.

Gráfico 13 – Total do valor dos adjetivos por autor



Fontes: Cadornega, *História*; Montecúccolo, *Descrição*; Heintze, *Memórias*

Passando agora para a segunda análise, os adjetivos atribuídos a Nzinga foram separados em positivos e negativos, seguindo a visão de um historiador do século XXI que tem acesso a bibliografia recente e que consegue analisar, através numa posição atual, o que entende por negativo e positivo. Claro está que, não se conseguindo compreender a conotação que estes adjetivos teriam na cultura ocidental e na cultura africana do século XVII, a solução debruça-se numa análise filtrada pela visão dos nossos dias. Como podemos observar, a maioria apresenta uma conotação negativa (65%). É de realçar que todos os adjetivos utilizados por Fernão de Sousa foram negativos, destacando-se “tirana” e “inimiga”. Face à morte de Ngola Mbandi e ao assassinato do seu filho, é Nzinga quem assume o trono do Ndongo, mas o governador português considera que “Gingua não herava Rainha, ne o podia ser sendo mulher, e estava tiranicamente yntruza no Reyno”⁵⁰. De facto, apesar de Nzinga lutar toda uma vida pelo trono a que dizia ter direito, de acordo com a bibliografia analisada, acreditamos que esta não tinha legitimidade para tal. Joseph C. Miller refere que os *Mbundu*, o povo onde Nzinga estava integrada, apesar de ser matrilinear, a autoridade encontrava-se entregue aos homens⁵¹ e as várias posições titulares possuíam uma relação de parentesco no sentido pai e filho, tio e sobrinho, etc.⁵² John K. Thornton partilha da mesma opinião e apresenta-nos uma perspetiva interessante sobre a questão levantada por Fernão de Sousa quanto ao facto de Nzinga não poder exercer a autoridade, devido ao facto de ser mulher. Segundo o autor, a rainha terá compreendido que este aspeto enfraquecia a sua legitimidade e vendo que a falta de herdeiros masculinos continuava a não ser suficiente para a legitimar, Nzinga adota outra

⁵⁰ HEINTZE, Beatrix – *Memórias, relações e outros manuscritos...* p. 254.

⁵¹ MILLER, Joseph C. – *Poder Político e Parentesco...* p. 42.

⁵² MILLER, Joseph C. – *Poder Político e Parentesco...* p. 45.

estratégia e casa-se com homens seus dependentes, que governariam como reis, enquanto, na verdade, era a rainha quem exercia o poder⁵³. Além disso, começou a participar em atos mais viris, os mesmos atos que estarão na base da admiração e dos elogios tecidos pelo militar português, descrevendo-a como “hum valente Generalíssimo”⁵⁴.

Ainda assim, autores como Adriano Parreira defendem que o estatuto social de Nzinga lhe permitia alcançar a mais elevada posição política *Mbundu*, ou seja, a posição de *Ngola*⁵⁵. Contudo, nem o próprio irmão de Nzinga, Ngola Mbandi, que tinha governado o Ndongo após o falecimento do seu pai, era legítimo ao trono, dado que este lugar estava reservado a um outro irmão que Ngola Mbandi terá assassinado, na mesma altura que assassinou o filho de Nzinga⁵⁶. Ao contrário da ideia inicial de que Nzinga tinha sido injustiçada, compreendemos agora que Fernão de Sousa tinha razão, demonstrando algum conhecimento acerca do sistema político do Ndongo e que a rainha estava, de facto “intrusa” naquele reino.

Quanto a Cadornega e a Cavazzi, apesar de os adjetivos negativos continuarem a ser a maioria, o número de positivos apresenta-se elevado. Claro está que, quando nos referimos ao primeiro autor, os principais adjetivos utilizados vão representar a sua ambiguidade e, deste modo, características como “astuciosa” e “belicosa” surgem em pé de igualdade com “valerosa” e “varonil”. Por sua vez, com o segundo, os adjetivos mais utilizados, como “feroz” e “manipuladora”, apresentam uma conotação negativa da rainha, à exceção de “inteligente” e de “independente”. Sem dúvida que estas duas características captam a atenção de quem lê a obra de Cavazzi. A inteligência da rainha Nzinga, segundo os seus relatos, era notória na sua infância, valendo-lhe a atenção prioritária do pai face aos restantes irmãos⁵⁷. Esta característica é novamente mencionada no seu encontro com o governador de Angola, em 1621. A valorização da sua independência também se revela cedo, logo em 1626, quando lhe é proposta uma aliança em troca do pagamento de um tributo anual, uma ofensa aos olhos de uma soberana como Nzinga se considerava ser.

"Alterou-se extremamente a feroz rainha com estas propostas, julgando que era grave afronta pretender homenagem duma soberana independente e absoluta. Respondeu, por conseguinte, que

⁵³ THORNTON, John K. – “Legitimacy and Political Power...” p. 38.

⁵⁴ CADORNEGA, António de Oliveira de – *História Geral das Guerras Angolanas...* p. 405.

⁵⁵ PARREIRA, Adriano – *Economia e Sociedade em Angola...* p. 180.

⁵⁶ DELGADO, Ralph – *História de Angola*. Luanda: Banco de Angola, 1971. p. 51.

⁵⁷ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 65.

tais pretensões deviam ser feitas a um vencido desanimado e não a quem tinha por si todos os direitos e a coragem para sustenta-los.”⁵⁸

Por outro lado, até que ponto podemos considerar que um adjetivo conotado como negativo, assim o é, na prática? Pegando no exemplo deste último autor, o adjetivo que mais se repete é “feroz” e, analisando a transcrição anterior, podemos classificar esta palavra como característica de uma personalidade forte que, nesta situação, reconhecia o seu poder enquanto soberana e não se deixaria diminuir perante as exigências de outrem. Casos semelhantes são encontrados na análise feita aos outros autores, como a atribuição de “poderosa” que Fernão de Sousa faz à rainha, quando esta começa a aumentar o seu poder com escravos fugidos dos portugueses⁵⁹ ou “belicosa” na obra de Cadornega. A palavra poderosa não tem, objetivamente, um peso negativo, mas ganha-o quando, aos olhos do governador, Nzinga não só perturbava o comércio de escravos ao retirá-los aos portugueses, como também os enfraquecia militarmente. Belicosa segue a mesma linha de pensamento, porque, apesar de Cadornega querer transmitir que Nzinga era perigosa, em contexto militar, ao ponto de criar um medo generalizado (“muito medo que tinha desta bellicoza Rainha, e de seus Jagas”⁶⁰), o adjetivo revela-nos que a rainha estava bem preparada para qualquer conflito, não fosse também uma guerreira e líder no campo de batalha. Esta faceta guerreira de Nzinga é notória em vários relatos de Cadornega, como o confronto de 1646 junto ao rio Dande, onde a rainha de Matamba, depois de uma noite a atormentar as tropas portuguesas, surge num alto “de baixo de grande Chapeo de Sol (...) vestida a modo de guerra com divizas e aparato”⁶¹, comandando e liderando os ataques dos seus fiéis seguidores. Sem dúvida que a força das tropas de Nzinga intimidava qualquer oponente e mesmo sendo esta apontada como uma característica negativa, não deixa de realçar a mulher guerreira que foi. Todavia, continuamos às cegas quanto às verdadeiras intenções do autor: estaria Cadornega, com estes relatos, a demonstrar a sua admiração pelas capacidades bélicas de Nzinga ou estaria apenas a criar uma inimiga feroz para realçar a grandiosidade portuguesa, após cada vitória?

Conclusões Finais

Ao longo deste trabalho esperamos ter conseguido evidenciar as diferenças e semelhanças entre as obras em análise, bem como entre os seus respetivos autores,

⁵⁸ MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica...* p. 77.

⁵⁹ HEINTZE, Beatrix – *Memórias, relações e outros manuscritos...* p. 202.

⁶⁰ CADORNEGA, António de Oliveira de – *História Geral das Guerras Angolanas...* p. 237.

⁶¹ CADORNEGA, António de Oliveira de – *História Geral das Guerras Angolanas...* p. 405.

colocando sob um microscópio três perspetivas sobre a mesma figura. Aos olhos do padre capuchinho Giovanni António Cavazzi de Montecúcolo, a rainha Nzinga foi um caso de sucesso, tendo-se convertido à fé católica, definitivamente, abandonando as suas velhas crenças (consideradas) demoníacas. Ainda assim, os relatos de Cavazzi apresentam a maior percentagem de divergência, um dado que não favorece a credibilidade da sua obra e que se poderá justificar pela sua chegada tardia ao continente africano e pelo modo como adquiriu a informação. Não obstante, é o autor que mais dados biográficos nos consegue fornecer sobre Nzinga, relatando todo o seu percurso de vida de forma detalhada, desde o seu nascimento até ao dia em que faleceu.

António de Oliveira de Cadornega apresenta-se, segundo a nossa análise, com a escrita mais ambígua e de difícil leitura, no sentido de tentarmos decifrar os sentimentos por trás de cada relato. Deste modo, encontramos um autor que nos fornece algumas hipóteses para a sua indecisão: tanto poderá ter uma grande admiração por Nzinga e tenta escondê-la para agradar à Coroa, como pode ter escolhido integrar a rainha nos seus relatos para enaltecer as tropas portuguesas que combatiam uma feroz inimiga, enquanto a mesma servia como justificação das suas falhas e derrotas. Assim, a sua obra revelou-se um verdadeiro desafio e, embora seja difícil de penetrar nos pensamentos deste autor, existe um claro deslumbre pela rainha Nzinga, sobretudo pelas suas características de líder e de guerreira.

Por sua vez, Fernão de Sousa revela, ao longo de toda a sua documentação, a principal preocupação de manter o comércio de escravos ativo e lucrativo, uma situação que Nzinga perturbava, quer fosse através do recrutamento de prisioneiros dos portugueses ou através do encerramento dos caminhos para as feiras. Desde cedo que a rainha é apresentada como um entrave nos planos do governador de Angola, desencadeando um período de conflitos e desentendimentos, agravados com a ilegitimidade de Nzinga ao trono do Ndongo e a nomeação de um novo rei que não causasse problemas a Fernão de Sousa. De todos os autores, é quem revela mais neutralidade nos seus relatos, tornando-se o mais credível de todos e quem, de toda a adjetivação analisada, apenas evidencia uma descrição negativa de Nzinga.

Finalmente, este estudo permitiu contrariar algumas das nossas perceções iniciais. Ao analisarmos os eventos descritos pelos autores, observamos que os episódios neutros e positivos correspondem à maior percentagem, uma conclusão oposta ao que esperávamos encontrar. Contudo, apesar de os eventos de valor negativo apresentarem uma menor porção, não podemos esquecer que, no que diz respeito à adjetivação atribuída

a Nzinga, a grande fatia revela-se negativa. Podemos concluir que, de forma geral, existia uma visão mais depreciativa da rainha Nzinga, embora seja possível encontrar relatos positivos em que são tecidos elogios à mesma.

Fontes

CADORNEGA, António de Oliveira de – *História Geral das Guerras Angolanas: 1680*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972. 3 vol.

HEINTZE, Beatrix – *Memórias, relações e outros manuscritos da colectânea documental de Fernão de Sousa (1622-1635)*. Stuttgart: Franz Steiner, 1985. 419 p. ISBN 3-515-04260-1

MONTECÚCCOLO, João António Cavazzi de – *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. (Agrupamento de estudos de cartografia antiga)

Bibliografia

DELGADO, Ralph – *História de Angola*. Luanda: Banco de Angola, 1971.

FRANCO, Roberta Guimarães – “Conquista e resistência na “História Geral das Guerras Angolanas”, de António de Oliveira de Cadornega”. XIV Jornadas Interescuelas: Atas. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2013

HEINTZE, Beatrix – *Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história*. Luanda: Kilombelombe, 2007. (Ciências humanas e sociais)

HEYWOOD, Linda M. – *Nzinga de Angola: A Rainha Guerreira de África*. 1ª ed. Alfragide: Casa das Letras, 2018. Tradução de: Luís Santos. ISBN: 978-989-741-895-2

LEVI, Joseph Abraham – “Padre Giovanni Antonio Cavazzi, (1621-1678), nos reinos do “Congo, Matamba et Angola.” Primeiros Contactos Europeus com a África”. Estudos Portugueses e Africanos. Campinas, 1999. p. 29-47

MILLER, Joseph C. – *Poder Político e Parentesco: os Antigos Estados Mbundu em Angola*. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995.

PARREIRA, Adriano – *Economia e Sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga (século XVII)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990. ISBN: 972-33-0759-6

REDINHA, José – *Etnias e culturas de Angola*. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 2009.

THORNTON, John K. – “Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624–1663”. *The Journal of African History*, Vol. 32, Nº1 (1991) p. 25-40.

THORNTON, John K. – *A History of West Central Africa to 1850: New approaches to African History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

WEBER, Priscila Maria – “A rainha Ginga descrita, adjetivada e metaforizada: uma análise textual da obra *História Geral das Guerras Angolanas* de António de Oliveira de Cadornega (século XVII)”. *Cadernos do CEOM*. Vol. 33, Nº 53 (2020) p. 10-22.